

Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto desenvolve projeto no Xingu

Alunos e professores levam novo sorriso aos índios do Xingu, capacitam lideranças e desenvolvem ações preventivas

A idéia pode parecer mais uma aventura: estudantes viajando quilômetros para atender índios no Xingu. Mas depois de alguns minutos de conversa com professores e alunos da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (Forp-USP) percebe-se que, por trás da intenção, há uma proposta pedagógica bem estruturada, que objetiva aliar ensino a atendimento odontológico humanizado.

O projeto, batizado pelos índios de *Huka Katu* – "sorriso lindo" na língua dos kamaiurás, uma das etnias que habitam o Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso – vem sendo realizado desde o ano passado. O professor da área de odontologia em saúde coletiva da Forp-USP e coordenador do projeto, Wilson Mestriner Junior, é enfático ao afirmar que não é porque questões indígenas estão na moda que os jovens vão para lá. "Para promover saúde, tenho de entender a cultura à qual a pessoa pertence, por isso que estamos indo ao Xingu."

Longe de ser uma iniciativa isolada, faz parte do programa político-pedagógico, criado em 2004 pela faculdade, para desenvolver novo perfil do profissional em odontologia, dando ênfase à capacitação para a promoção da saúde. O que se quer é um profissional preparado para ver o paciente na sua totalidade, apto a elaborar projetos de saúde pública, com sólida formação técnico-científica, humanística e ética. "Queremos trabalhar o conceito da integralidade, de ver as comunidades como um todo, integrantes de um grupo e participantes da sociedade", diz o professor.

Assim, como atividade opcional, o aluno pode participar do *Projeto Xingu*, onde trabalhará o conceito ampliado do cuidado em saúde, além de realizar tratamentos em condições que não são as ideais e, ainda, qualificar os próprios índios para as ações de saúde bucal. "A idéia é não só oferecer assistência dentária, mas também preparar a população para desenvolver ações de saúde", afirma o professor Mestriner.

Mais que uma viagem – O projeto não se resume apenas a ir ao Xingu. Os estudantes são preparados por mais de um ano e, entre os temas, estudam a política nacional de saúde. "Também discutem e estabelecem ética, estética e etiqueta própria para o trabalho, e conversam sobre o comportamento correto para chegar numa aldeia e atender esses pacientes", fala a professora de prótese parcial e removível Maria da Glória Chiarello de Mattos, que também participa do projeto.

"Nosso esforço é para não supervalorizarmos as viagens, mas entendermos que o plano é muito maior, de aproximar o aluno que, no futuro, será um profissional da sociedade", fala Mestriner. E acrescenta: "Vimos a importância do acolhimento e do vínculo. O estudante aprende a ser mais humano, procura entender as queixas, as necessidades e contextualizá-las," comenta.

O trabalho está longe de ser encarado como filantropia. "É um programa de atendimento com todos os cuidados necessários nos seus aspectos técnico-

assistencial, de produção de saúde e educativo", diz Maria da Glória. Tudo é encarado de forma profissional, inclusive pelas lideranças indígenas, que sabatinaram o professor antes do início do programa. "Queriam saber qual era a proposta da Forp-USP. No Parque Xingu existe um conselho de saúde eleito e composto por caciques das aldeias. Os indígenas já tinham experiências de projetos odontológicos anteriores e sabiam o que não queriam",

conta a professora. Entre as exigências estava a participação de alunos do terceiro e quarto anos, mais preparados.

Com o conceito de que receita pronta não funciona, o aprendizado é aprimorado a cada viagem. Até agora foram realizadas quatro entradas – como são chamadas as incursões ao Parque –, nos meses de abril, julho, setembro e outubro do ano passado, com duração média de 20 dias cada uma. Todas foram acompanhadas

por conselheiros e agentes de saúde indígenas. Para este ano estão previstas outras quatro. A próxima será em maio por causa do período das chuvas, que são intensas nesta época do ano. "Hoje temos parâmetros para aprimorar a ação", conta Mestriner. Incluem-se tamanho e coloração de dentes. "Nas primeiras incursões levamos próteses com dentes muito maiores do que os dos índios", conta a professora Maria da Glória.

Como tudo iniciou – A Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto começou a participar do projeto no ano passado em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), na proposta de manter ações de saúde, qualificar a população local e prestar assistência reabilitadora nas aldeias e postos do médio e baixo Xingu.

Mais que uma cultura reparadora, pretende-se entender o ser humano, seus

hábitos e conscientizá-lo da importância dos aspectos preventivos. "Não é porque a pessoa coloca uma prótese dentária que o trabalho termina. Ela precisará ser trocada em determinado momento. Esse usuário precisa entender que, dependendo da alimentação, o desgaste será maior. A prótese pode aumentar a incidência do câncer de boca e a pessoa precisa ter todas as informações e orientações necessárias", explica a professora.

E complementa: "Queremos que a comunidade tenha esses conhecimentos, mas lá, no local em que vivem e junto com eles". Como conta, muitas vezes a receita pronta que funciona aqui não funciona com os indígenas. E, sorrindo, conclui: "Se pararmos para pensar, às vezes, nem com a gente funciona".

As equipes da Forp-USP observam que os povos do Xingu estão atentos à quali-

dade dos produtos. Em rituais de troca de presentes – chamados de *moitará* – alertam os visitantes que não aceitam "produtos de R\$ 1,99 ou falsificados". Outra curiosidade são os nomes interessantes que deram às próteses totais (dentaduras): *dente duro, dente de piranha e peruca de gengiva*.

Joice Henriques
Da Agência Imprensa Oficial



Alunos e professores da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto se integraram à comunidade indígena



Os participantes do Projeto Xingu visitaram várias aldeias



Lição para a indiazinha: como cuidar dos dentes



Professores Mestriner e Maria da Glória (no alto) e alunos Ingrid, Tatiane, Gustavo e Livia, com os índios no Xingu: levando conceitos de saúde e trazendo experiências de vida



Eles estiveram lá e contam o que aprenderam

A primeira pergunta para Gustavo Peres Plácido, aluno do quarto ano, foi das mais óbvias: "Como estão os dentes dos índios do Xingu?" A resposta mostrou muito mais que um olhar técnico: "Depende. Qual é o referencial? Se comparamos com a periferia de Ribeirão Preto, por exemplo, eles estão muito bem". Gustavo visitou quatro aldeias e encontrou entre cinco e 200 habitantes em cada uma. Para o professor Mestriner, a resposta do aluno mostra que o mesmo entendeu o espírito do projeto.

Ir ao Xingu foi uma grande experiência, tanto profissional como de vida, comenta Gustavo. "Encontrei um outro mundo. Tinha idéia de como era, porque passamos um ano lendo, pesquisando, estudando, mas só estando lá para entender. Mesmo assim foi uma surpresa, a começar pela diferença de cultura, a forma de pensar. Eles são abertos para aprender e ficam atentos". A experiência também o ajudou a refletir sobre

como a nossa cultura está organizada. "Eles valorizam o que têm e a vida que levam. E quando comparei com a nossa sociedade percebi que, muitas vezes, priorizamos o que não é importante." Gustavo participou da quarta entrada realizada no mês de outubro. Livia Fonseca de Andrade, quarta-ista, integrou a segunda, em julho. "A experiência é muito rica." Trabalhou com próteses. "O Xingu tem três pólos. Fiquei em Diauaru, com gerador e água encanada." Como diz, não adianta apenas tratar se não prevenir. "Ensinamos o que significa a inclusão de produtos industrializados na dieta deles, sobre a importância da frequência da escovação e, ainda, em como escovar os dentes corretamente". Além disso, falou sobre o interesse de todos em discutir o que aprendem.

Médico atende, pajé cura – Ingrid Machado de Andrade, também quarta-ista, foi ao Xingu em julho de

2004. Diz que foi a melhor experiência da sua vida. "Aqui na faculdade temos supervisão. Lá adquirimos experiência e confiança." E não é porque estavam no Xingu que houve diferença de atendimento. "O que podíamos levar de melhor levamos. Quase não cabíamos no barco", brinca a estudante ao mencionar a quantidade de equipamentos e materiais para o atendimento.

Cada entrada levava, em média, sete caixas de 50 litros cada, lotadas de equipamentos e materiais. "Aprendemos a trabalhar sem ter à mão o que há de mais moderno ou o que seria ideal para aquela circunstância. Nos adaptávamos às condições que encontrávamos. Mas nem por isso descuidávamos da segurança e da higiene", explica. "Percebemos a necessidade de um trabalho de prevenção diante do número de cáries que encontramos.

Aproveitávamos a noite para reforçar a parte preventiva com tea-

tros e conversas. O melhor de tudo era percebermos que os caciques entendiam e passavam as informações para os outros índios", lembra Ingrid.

Tatiane Martin de Oliveira cursa o terceiro ano e foi para o Xingu em setembro. Também entusiasta, disse que foi uma ótima experiência. "Aprendi que podemos fazer um bom trabalho mesmo com poucos recursos. Vi que a nossa cultura está transformando a deles, pois estão adquirindo nossos hábitos alimentares e, com isso, ganhando problemas."

O professor Mestriner comenta: "Lá aprendemos que existe o tempo do Xingu, sem correria, sem agonia. Aprendemos que existe o tempo de plantar, mas também de regar e de colher. Tudo tem o seu tempo e deve ser feito a seu tempo. Isso não tem fim, é um processo constante". E complementa: "Como diria Orlando Villas Bôas ao comentar a fala de um cacique: se é o médico que atende, é o pajé que cura".

Aprendendo a viver o tempo do Xingu

São 24 horas de viagem de ônibus de Ribeirão Preto a Canarana, cidade mais próxima do Parque, no Mato Grosso. De lá, a equipe da Forp segue de carro por mais três horas e alcança o Rio Kuluene, onde a aventura continua de barco. Depois de dez horas, a expedição chega num dos Pólos Base de Saúde no qual atuará. Lá permanece fixa apenas a turma que cuida das próteses, com a supervisão de um professor. Os demais integrantes partem de barco para as aldeias mais distantes.

Superada a aventura da viagem e da instalação do grupo, o trabalho continua entrecortado pelas novidades da vida na selva e pelos costumes de outra cultura,

muito diferente da nossa. Logo de início, o professor Mestriner se vê diante de um bom desafio: "Como trabalhar num local infestado de formigas e mosquitos, partindo de um conceito de biossegurança?" Mas muito ainda está por acontecer. E, mais que ensinar, a equipe aprende que aquele povo sabe se cuidar. Na reunião de exposição do trabalho que a Forp-USP pretendia executar nas aldeias, o conselho de saúde indígena, formado por suas lideranças, exigiu que os atendimentos acontecessem "no tempo do Xingu", ou seja, "sem pressa".

As equipes que lá estiveram nas quatro viagens entenderam e aprenderam o recado. Segundo Mestriner, lá tudo é vagaroso, mas

intenso. O tempo não é valorizado como o nosso. Tomando como exemplo o prazer que demonstram ao receber visitas, vê-se que o tempo pára com a chegada do grupo.

Mesmo relacionando-se "sem pressa" com o tempo, os índios têm a ansiedade do homem branco, observou a professora Maria da Glória. Perguntam logo da prótese, assim que a modelagem fica pronta. Um momento inusitado, relatado por Maria da Glória, é o processo de polimerização (cozimento) das próteses. Alunos e professora passaram o dia todo debaixo de uma mangueira, observando o cozimento num fogão a lenha.